



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADE - CAMPUS III
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

LARISSA KARLA DE LUCENA ALBUQUERQUE FERREIRA

**O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE INFANTIL NO CONTO DE
FADAS “A SEREIAZINHA”**

**GUARABIRA-PB
2019**

LARISSA KARLA DE LUCENA ALBUQUERQUE FERREIRA

**O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE INFANTIL NO CONTO DE
FADAS “A SEREIAZINHA”**

Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciada em Letras.

Área de concentração: Literatura
Infantil e Juvenil.

Orientadora: Prof. Dr^a Rosângela
Neres Araújo da Silva.

**GUARABIRA-PB
2019**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F383l Ferreira, Larissa Karla de Lucena Albuquerque.
O imaginário e a identidade infantil no conto de fadas "A Sereiazinha" [manuscrito] / Larissa Karla de Lucena Albuquerque. - 2019.
25 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.
"Orientação : Profa. Dra. Rosângela Neres Araújo da Silva, Coordenação do Curso de Letras - CH."
1. Imaginário e Identidade. 2. Conto de fadas. 3. Hans Christian Andersen. 4. A Sereiazinha. I. Título
21. ed. CDD 372.1

LARISSA KARLA DE LUCENA ALBUQUERQUE FERREIRA

O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE INFANTIL NO CONTO DE FADAS "A
SEREIAZINHA"


Trabalho de Conclusão de Curso em
Licenciatura Plena em Letras da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de licenciada em Letras.

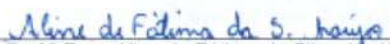
Área de concentração: Literatura
Infantil e Juvenil.

Aprovado em: 31/05/2019.

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Dr.ª Rosângela Neres Araújo da Silva
UEPB – Orientadora


Prof.ª Dr.ª Maria Neri de Freitas
UEPB – Examinadora


Prof.ª Esp. Aline de Fátima da Silva Araújo
UEPB - Examinadora

A Deus, pois sem Ele nada eu poderia fazer; a minha mãe Ana Clea, meu exemplo de mulher; ao meu esposo Hoberlan por sempre me motivar; e em especial a minha filha Ana Clara que é a minha maior fonte de inspiração.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, a ele toda honra e glória, ele que permitiu para que tudo isso acontecesse, dando força e ânimo nos anos como universitária e coragem para retomar os estudos após muitos anos, sem ele nada disso eu conseguiria. Meu Deus, meu tudo, gratidão a ti sempre.

A minha família, minha base, obrigada por sempre estarem ao meu lado, me ajudando no que fosse preciso, minha mãe aquela a quem devo tudo, todos os ensinamentos de criança que hoje fazem a mulher que eu sou, ela quem me criou sozinha, mas nunca me deixou faltar nada, principalmente amor, é meu exemplo de mulher, sempre lutadora, guerreira e com um coração enorme, sei que dentro de seu coração guarda uma tristeza por não ter me deixado ir estudar em Joao Pessoa, mas hoje quero mostra-la que estou aqui para que tenha orgulho de mim assim como tenho dela.

Minha pequena sereia, minha pequena Ana, como agradeço por tê-la ao meu lado, quando a professora me deu o conto a sereiazinha para analisar, lembrei logo dela, que fala tanto em sereia, que tanto ama o mar, por ela dou minha vida, seu nascimento me fez a mulher mais feliz do mundo, me preencheu como mãe. Filha, desculpas pelos momentos que eu não te dei a devida atenção e até quando não tive paciência, porque estava estudando e não tinha tempo para brincar; quantas vezes dizia, você pedia “mãe fica aqui comigo”, e a mamãe com o coração despedaçado dizia que não dava naquele momento, mas tudo isso é para que um dia eu seja motivo de orgulho, para ti, e sei que um dia você me encherá de orgulho também, assim como já faz.

A meu esposo, que há 13 anos tenho ao meu lado, aquele a quem devo todo meu amor, ele que sempre dedica toda dedicação a nossa família, com paciência me entendia por ficar horas e horas estudando e era ele quem preenchia meu lugar para brincar com Ana e eu conseguir estudar, já passamos tantas coisas juntos, dias felizes e tristes, nossas lutas diárias e nossas glórias. Que Deus nos abençoe cada vez mais.

Aos amigos e amigas que estão sempre comigo, pois amizade floresce e deixa a nossa vida mais leve, a uma amiga em especial, que hoje tenho como

coordenadora do meu trabalho (CrediAmigo), Roselane, me chamou para um cafezinho, olhou e disse que estava colocando em meu PDI (Plano de Desenvolvimento Individual), que eu teria até final de 2019 para fazer algo pessoal, concluir meu curso, a ela agradeço por abrir meus olhos e mostrar que eu conseguiria sim.

À professora Rosângela que acreditou em mim quando eu a chamei para ser minha orientadora, pois por eu ter demorado muito para defender o TCC, levei alguns não e isso me fazia desistir, mas Deus foi tão bom comigo que a colocou de volta em meu caminho, sempre muito atenciosa e paciente, me mostrava como prosseguir, que eu tinha tanto medo de desapontá-la, mas consegui enviar o texto sempre nos prazos propostos; a ela toda minha gratidão pelos ensinamentos e apoio, levarei seu exemplo de profissional comprometida e dedicada para com seus alunos.

A todos aqueles que não mencionei aqui, mas de algum modo rezaram por mim e me ajudaram com suas orações, obrigada a todos vocês.

"É preciso fazer compreender à criança que a leitura é o mais movimentado, o mais variado, o mais engraçado dos mundos."

Alceu Amoroso Lima

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ORIGEM E CONTEXTO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL	11
2.1 Charles Perrault e o início da Literatura Infantil	11
2.2 A produção brasileira	12
2.3 A literatura infantil e juvenil nos dias atuais	13
3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS	15
3.1 O conto de fadas	16
3.2 Hans Christian Andersen	17
4 IMAGINÁRIO E IDENTIDADE EM “A SEREIAZINHA”	18
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	24
REFERÊNCIAS	25

O IMAGINÁRIO E A IDENTIDADE INFANTIL NO CONTO DE FADAS “A SEREIAZINHA”

FERREIRA, Larissa Karla de Lucena Albuquerque¹

RESUMO

Este trabalho tem o objetivo de mostrar a identidade da personagem do conto *A sereiazinha*, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, dentro de uma perspectiva de acesso ao imaginário e construção de sentidos da criança, através da leitura do conto de fadas. Nele, há magia, seres com poderes sobrenaturais, um final triste, porém com um aprendizado, o que leva a criança a refletir o quanto todos somos especiais do modo como somos. Para tanto, partimos da leitura do conto de fadas, mostrando como a personagem principal era especial e sua identificação com o universo imaginário da criança. A leitura está, portanto, fundamentada nos estudos de Cunha (2003), Coelho (2012), Colomer (2017), Cadermatori (2006), Zilberman (2014) dentre outros estudiosos que têm suas pesquisas direcionadas para a literatura infantil e juvenil.

Palavras-chave: Imaginário e Identidade. Conto de fadas. Hans Christian Andersen. A Sereiazinha.

1 INTRODUÇÃO

As crianças e os jovens se identificam amplamente com a literatura infantojuvenil, pois essa literatura tem como objetivo desenvolvimento da leitura, respeitando a faixa etária de cada leitor. Colomer (2017, p. 27) afirma que “assim, a literatura ajuda as crianças a descobrirem que existem palavras para descrever o exterior, para nomear o que acontece em seu interior e para falar sobre a própria linguagem”.

É no século XVII que começam a surgir as narrativas para o público alvo, as crianças e os jovens, mas é quando Charles Perrault inicia a coleta das histórias ouvidas dos contadores de histórias que trabalhavam em sua casa, que o gênero infantil é instaurado. Já no século XX, quando a literatura infantil e

¹ Graduanda em Letras - Português, pela Universidade Estadual da Paraíba, sob a orientação da Profa. Dra. Rosângela Neres de Araújo Silva. E-mail: larissa.klaf@outlook.com

juvenil surge no Brasil, através de Monteiro Lobato, autor do famoso *Sítio do Pica Pau Amarelo*, o gênero literário para crianças e jovens ganha particularidades e uma crítica social diferente dos textos europeus, como aponta Cademartori:

Em lugar da postura entusiasmada diante dos traços de brasilidade, o que caracterizou a obra de tantos “nacionalistas”, encontra-se, em Lobato, ao lado da identificação de nossas peculiaridades, inquietude perante a situação nacional nos seus diferentes âmbitos. (CADEMARTORI, 2006, p. 46-47)

A criança se interessa pelas histórias infantis que trazem fatos novos e interessantes, que apresentam magia, situações imprevistas e que as auxiliem no entendimento de situações do cotidiano. Além disso, apreciam a aventura, a mitologia e as fábulas, em que acessam personagens com diferentes caracterizações. Nesse sentido, como afirma Zilberman (2014), elas se identificam com as mudanças que perpassam essas personagens.

Após me tornar mãe, peguei-me muitas vezes lendo a história da *Pequena Sereia* para minha filha, mas nunca imaginei que ela teria outras versões. Minha aprendizagem, com esta pesquisa, também me levou a reconhecer a diversidade de histórias do imaginário infantil, apresentadas pela minha orientadora. Foi assim que conheci Hans Christian Andersen (1835-1872), conceituado escritor dinamarquês na arte de escrever contos de fadas. A ideia central de *A sereiazinha*, que embevecida de amor por um príncipe, decide que quer deixar de ser sereia para se tornar humana, assim poderia viver feliz para sempre ao lado de seu amor, mostra como as decisões que tomamos podem ser importantes na construção de nossa identidade.

Dessa forma, nossa pesquisa baseia-se nos estudos de Colomer (2017), Cademartori (2006), Zilberman (2014), dentre outros autores, com o objetivo de mostrar a força da identidade da personagem do conto *A sereiazinha*, do escritor Hans Christian Andersen, dentro de uma perspectiva de acesso ao imaginário e construção de sentidos da criança.

No segundo tópico, abordamos a origem e o contexto da literatura infantil e juvenil; no terceiro tópico dessa pesquisa, mostramos as configurações da narrativa para crianças e jovens e, no tópico seguinte, evidenciamos a leitura de *A sereiazinha*, mostrando como o conto de fadas desenvolve a importância da

construção de sentidos sobre a identidade, acessada através do imaginário infantil.

2 ORIGEM E CONTEXTO DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

2.1 Charles Perrault e o início da Literatura Infantil

O público mirim é o alvo da literatura infantil quando o escritor francês Charles Perrault, apontado como o iniciador dessa literatura, começa a adaptar, no século XVII, os contos e lendas advindos da Idade Média “constituindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil” (CADEMARTORI, 2006, p. 33). Perrault reescreveu textos importantes como *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela*, que antes de serem adaptados eram destinados ao público adulto e veiculados através da oralidade.

As primeiras histórias eram ouvidas das pessoas que trabalhavam em sua casa, pois Perrault tinha origem burguesa e sua família mantinha vários trabalhadores. Ele, então, as reescrevia preocupando-se em manter vivos os elementos que caracterizavam esses relatos, como a fantasia e a magia, adequando-os para o estilo exigido pela época, onde a literatura pedagógica viu-se mais vigorosa.

Perrault distanciava-se da intenção burguesa, porque suas histórias mostravam personagens com vida precária, um estereótipo das vítimas do antigo regime, mas tornavam-se triunfantes no final. Entretanto, em papel de adaptador, também contribuiu para caracterizar a era de Luis XIV como uma era majestosa, mesmo que tivesse sido uma das mais duras na França, em que as estruturas sociais e políticas cresciam e as contradições se agravavam.

Neste momento em que criança ganha representatividade e não é mais vista como um potencial adulto, o conto de fadas se apresenta como essencial na manutenção das aprendizagens e também apontam para as condições sociais, implicitadas nos textos.

Após Perrault, a literatura infantil viu surgir um ambiente muito diversificado e frutífero para o conto de fadas. Na Alemanha do século XIX, uma nova coletânea de histórias surge pelas mãos dos Irmãos Grimm, apresentando

contos como *Rapunzel* e *João e Maria*. A partir desse momento, Cademartori aponta que outros contos foram, então, surgindo no mundo:

Através de soluções narrativas diversas, o dinamarquês Christian Andersen (*O patinho feio*, *Os trajes do imperador*), o italiano Collodi (*Pinóquio*), o inglês Lewis Carroll (*Alice no país das maravilhas*), o americano Frank Baum (*O mágico de Oz*), o escocês James Barrie (*Peter Pan*) constituem-se em padrões de literatura Infantil. (CADEMARTORI, 2006, p. 33-34, Grifos da autora)

É importante lembrar que, antes de Charles Perrault, já existia uma literatura utilizada como viés pedagógico, ou seja, atribuída às crianças. No entanto, a adaptação tornou a memorização e a aprendizagem mais acessíveis ao público ao qual o texto se destinava, e com o trabalho dos demais adaptadores não houve dúvidas de que o conto de fadas viria especificar-se como um texto representativo da infância.

2.2 A produção brasileira

Monteiro Lobato é um dos destaques da nossa literatura infantil brasileira e o criador da obra *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, que retrata um ambiente rural e seus personagens interagem com questões sociais. Lobato tinha uma proposta de literatura diferente da europeia, pois não aceitava o estrangeirismo em nossas obras, que não privilegiava a cultura nacional. Cademartori (2006), mostra que com isso, durante algumas décadas do século XX, havia dois modos de representação da cultura em nosso país, a europeia e a nativa.

Os escritores nacionalistas cultuavam uma postura entusiasmada referente a brasilidade em seus textos, mas Lobato mostrava as questões sociais de modo diferente deles. Havia um olhar crítico, nada patriota, em sua forma de fazer literatura e esse tom de vanguarda lhe trouxe vários desconfortos. Com o *Sítio do Pica-Pau Amarelo*:

Monteiro Lobato cria, entre nós, uma estética da literatura infantil, sua obra constituindo-se no grande padrão do texto literário destinado à criança. Sua obra estimula o leitor a ver a realidade através de conceitos próprios. Apresenta uma interpretação da realidade nacional nos seus aspectos social, político, econômico, cultural, mas deixa, sempre, espaço para a interlocução com o destinatário. A discordância é prevista. (CADEMARTORI, 2006, p. 51)

Assim, a principal característica que diferencia a obra de Monteiro Lobato da obra europeia é a voz que é dada ao interlocutor, em seus textos quase sempre representada pelas personagens do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, valorizando características que representam a infância, como a esperteza, a inteligência, o diálogo e a indagação. A liberdade para questionar a respeito de qualquer assunto ou tema é muito valorizada .

Pós Monteiro Lobato, o mercado dos livros infantis, contou com uma grande diversidade de abordagens e a inclusão mais acentuada do folclore, iniciada com ênfase por Lobato. Segundo Lajolo e Zilberman:

Os livros para crianças foram profunda e sinceramente nacionalistas, a ponto de elaborarem uma história cheia de heróis e aventuras para o Brasil, seu principal protagonista. Da mesma maneira, eles se lançaram ao recolhimento do folclore e das tradições orais do povo [...] (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007, p.54)

Na atualidade, a variedade de livros voltados para o público infantil é significativa, figurando livros que podem ser utilizados até por crianças que ainda não sabem ler, linguagens visuais diferenciadas que propõem ao leitor a construção da narrativa, como o livro de imagens. Dessa forma, autores como Eva Furnari, Ângela Lago, Juarez Machado trazem livros despertam a curiosidade da criança e fazem com que ela relacione imagens ao próprio ambiente em que vivem. Já Mary França, Eliardo França e Tenê adicionam o verbal ao visual como forma de complemento para as ilustrações no processo inicial de leitura.

2.3 A literatura infantil e juvenil nos dias atuais

A década de 1960 chegou com distintas formas de educação para os cidadãos, surgindo com ela uma visão da infância e de mundo diferentes daquelas marcadas em outras décadas, sendo assim, a literatura infantil e juvenil precisou se adequar aos leitores dessas sociedades. Nos anos 70 e 80, houve uma modernização da literatura para a sua adequação e aceitação. No século XXI a tradição literária ganhou muita força, através de novidades narrativas, interações entre imagem e texto, imagem e sons, as plataformas digitais e outros veículos (COLOMER, 2017).

O mundo infantil e o adulto na sociedade pós-industrial, foi valorizado pela capacidade de falar os problemas, pela adequação as modificações externas, a aceitação da hierarquia, a autoridade consensual, a imaginação e o fim de determinadas fronteiras, pois essa sociedade baseou-se em conflitos inter e intrapessoais, ao invés da luta pelas condições de uma vida melhor.

A ideia é que os livros sirvam para a fruição e para as aprendizagens, que as crianças vivam a infância através da literatura, preservando o seu tempo e espaço, sendo um refúgio para essa insegurança do novo século. O humor, a fantasia, o diálogo, a liberdade pessoal, a imaginação, que começaram a se desenvolver com grande ênfase na segunda metade do século XX, aparecem de forma mais expressiva e interativa, combatendo a solidão infantil diante das telas, o fechamento em seu próprio mundo, o individualismo, e o consumo compulsivo.

Na proposta de adequação a uma nova estrutura social e familiar, o próprio contexto exigiu mudanças nos livros, abordagem de novos temas (feminismo, homossexualidade, negritude) e uma reeducação no contexto escolar, promovendo discussões que viabilizem uma compreensão sobre as novas bases sociais: “[...] na atualidade, aumentam as vozes que defendem a responsabilidade social de oferecer aos meninos e às meninas o acesso a uma tradição cultural compartilhada pela coletividade.” (COLOMER, 2017, p. 127).

A literatura infantil e juvenil enfrenta qualquer forma de abuso de poder, seja alienação ou exploração, valorizando a liberdade, a tolerância, a vida individual, e preservando ensinamentos como o cuidado com a natureza, com os valores como o caráter e a ética, e a construção humana. Ela transmite seus valores, ajustando os livros ao modo de ser da sociedade moderna, mas não deixando de mostrar a realidade. Amplia suas fronteiras e suas formas literárias, tendo em mente o leitor e sua imersão no cotidiano.

A fantasia se situa em um mundo secundário fechado ou principalmente, em mundos que mantêm fronteiras com o mundo real e que as permeabilizaram de forma que os seres fantásticos irrompem neste ou vice-versa. (COLOMER, 2017, p. 217)

Com a modernização da literatura infantil e juvenil veio a inter-relação entre literatura e meios audiovisuais. Colomer (2017) aponta que, nessa arte, há

mistura de elementos de vários gêneros, fazendo com que o leitor se esforce para entender o que é dito e proceder a interpretação. A adaptação de gêneros literários adultos para a literatura infantil foi uma forte influência, entre obras ou gêneros específicos. Muitas obras literárias clássicas foram adaptadas, havendo também mudanças nos gêneros literários, uma narrativa que é adaptada para os quadrinhos ou para o cordel, por exemplo, e nos meios de leitura e novas propostas de produção dos livros, como o livro-brinquedo e o livro de imagens, por exemplo.

3 A NARRATIVA PARA CRIANÇAS E JOVENS

As pessoas nascem com a facilidade de interagir com o mundo, com as palavras, em expressar sensações, sentimentos, como mostram os estudos no século XX, em que os bebês já começam os contatos com as palavras, ao repeti-las, ao imita-las. As crianças inventam personagens e começam a narrar histórias, verbaliza-las oralmente desde muito cedo. Assim a literatura é um meio de comunicar sobre a própria linguagem.

Existem, pois, critérios para que a narrativa seja incluída como texto adequado à infância. Cunha (2003) aponta que a narrativa para as crianças deve ser sucinta, com discurso direto, e a aplicação do diálogo, já que este aproxima as crianças do que estão lendo, fazendo-as se identificarem ou não com as personagens. A estrutura linear, sem complexidades ou inversões de plano, o tempo cronológico sem *flashback* e o desfecho feliz são igualmente relevantes.

O acesso à leitura das narrativas está geralmente relacionado às três fases de cognição dos pequenos leitores, como apontadas pela psicologia: a fase do mito, em que estão as crianças entre 3 e 8 anos de idade, cujos gêneros literários mais apropriados são as fábulas, os contos de fadas, as lendas e mitos; a fase do conhecimento da realidade, onde estão as crianças entre 7 e 12 anos, na qual se encaixam o relato histórico e o romance; e por último temos a fase do pensamento racional, em que se encontram as crianças entre 11 anos até a adolescência, onde a literatura romântica, os temas transversais e as adaptações são melhores assimiladas.

Vale lembrar, entretanto, que cada criança é diferente e essa subdivisão proposta por Cunha (2003) é uma forma didática de adequação para leitura,

levando em consideração as faixas etárias. Ela pode se modificar, dependendo do amadurecimento da criança leitora, bem como agrupar outros meios e métodos, gêneros e estilos literários.

3.1 O conto de fadas

No século XXI, o conto de fadas retorna com grande interesse pelas sociedades contemporâneas e o estudo do gênero atingiu seu grande ápice com a publicação e reedição de várias coletâneas de contos clássicos, ladeadas por uma forte presença da cultura cibernética. Coelho mostra que:

Multiplicam-se nas livrarias as edições e reedições dos contos de fadas ou contos maravilhosos, lendas, mitos, clássicos antigos e modernos. O mercado oferece, em sedutoras edições ilustradas, toda uma literatura que parecia perdida no tempo: *a Bela Adormecida*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Cinderela* ou *A Gata Borralheira*, *Dom Quixote*, *Contos dos Cavaleiros da Távola Redonda* e muitos outros. Livros que parecem anacrônicos ao serem confrontados com este nosso ciberespaço (dinamizado pelas multimídias e transformado pelas conquistas da eletrônica e da informática), mas que são verdadeiras fontes de sabedoria. (COELHO, 2012, p.17 Grifos da autora)

Esse interesse marca o enfoque crescente no retorno da magia, da fantasia, do fantástico e sobrenatural, tão presentes na literatura da oralidade que deu origem aos primeiros contos de fadas adaptados para coletâneas, a exemplo daquelas realizadas por Charles Perrault, no século XVII e pelos irmãos Grimm, no século XIX. A partir daí, diversas outras coletâneas surgiram e, mesmo que notadamente relacionadas ao seu espaço e época, conseguiram perpassar os séculos, mostrando-se intensamente vigorosas nos dias atuais.

A universalidade dos contos de fadas proporcionou o conhecimento do legado literário, sobretudo na escola, uma vez que a partir da década de 1960 a leitura e a leitura literária tornaram-se a base dos estudos que contemplam o ensino. Para Colomer:

Isso requer a criação de um horizonte de leituras "clássicas", entendidas como um conjunto formado pelo folclore, os títulos mais valorizados da literatura infantil e o início da leitura das grandes obras universais. (COLOMER, 2017, p. 127)

Ainda, de acordo com Colomer (2017), essas histórias são importantes porque promovem, em sua tradição literária, um enlace social (a interação entre os leitores); um instrumento de sentido (a relação entre as obras canônicas e os dias atuais); um mapa cultural (mostram o desenvolvimento das diferentes culturas ao longo do tempo). Desse modo, o conto de fadas simboliza a literatura de tradição oral que participa na manutenção do folclore para a literatura infantil escrita.

Isso ocorre, sobretudo, porque o conto de fadas, a partir do século XIX, passa a ser destinado ao público infantil e as histórias da oralidade permeadas pela magia e a violência passam pelas adaptações antes de serem inseridas aos contextos. No entanto, o alto prestígio do cunho pedagógico imposto ao texto literário passaria por uma resistência natural do próprio público infantil, que sobrepôs a fantasia e a fruição a qualquer outro senso moralizador.

De acordo com Coelho (2012, p. 23), depois que “o onírico, o fantástico, o imaginário deixaram de ser vistos como pura fantasia, para serem presentidos como *portas que abrem* para verdades humanas ocultas” (grifos da autora), não somente os contos de fadas, como também as lendas e mitos, deixaram de ser vistos como entretenimento infantil, sendo “redescobertos como autênticas fontes de conhecimento do homem e de seu lugar no mundo”.

3.2 Hans Christian Andersen

O escritor dinamarquês, famoso pela obra de contos de fadas desenvolvida entre 1835 e 1872, é considerado um dos maiores nomes na literatura infantil. Ao contrário de Charles Perrault e sua origem burguesa, Andersen era um escritor humilde, filho de um sapateiro e de uma lavadeira (ANDERSEN, 2010).

Seu primeiro contato com os contos populares dinamarqueses se deu através da avó e os relatos que ouvia dela, na infância. A particularidade da obra de Andersen viria logo à tona na representação de suas personagens, na descrição dos espaços e no tratamento das temáticas.

A obra de Hans Christian Andersen possui mais de cento e cinquenta histórias, além de relatos de viagem, poesia, romances e sua autobiografia ficcional. Seus contos de fadas, em particular, mostram temas relacionados à

sociedade, uma crítica às instituições, o reconhecimento da identidade e o imaginário como lugar de reflexão.

A sereiazinha, texto que discutimos neste trabalho, teve diversas versões desde a sua primeira publicação em 1837. A mais conhecida é *A pequena sereia*, que também foi adaptada para os quadrinhos e para o cinema. Nas versões mais atuais, o final trágico imposto à sereiazinha é modificado, para que as crianças não se sintam desconfortáveis. No tópico a seguir, mostramos um pouco mais sobre sua versão original.

4 IMAGINÁRIO E IDENTIDADE EM “A SEREIAZINHA”

O acesso ao imaginário solicita as personagens inerentes ao universo da criança. Nesse sentido, *A sereiazinha*, de Hans Christian Andersen, traz uma narrativa literária criativa que nos leva a imaginação, promovendo uma leitura que caracteriza a fantasia, a magia, e desperta no leitor, a vontade de conhecer o espaço no qual a história é contada.

A magia, presente na ação das personagens, leva à interpretação do texto e ao reconhecimento do conto de fadas. Assim, em *A sereiazinha*, observamos vários exemplos do acesso ao imaginário.

No conto, conhecemos as águas profundas e o castelo onde moram o Rei do Mar, sua mãe e as Princesas do Mar, que eram seis sereiazinhas de uma beleza rara. A mais nova era a mais bela de todas: “A sua pele era clara e fina como uma pétala de rosa, os olhos azuis como o lago mais profundo, mas, como as irmãs, não tinha pés e o corpo terminava em cauda de peixe.” (ANDERSEN, 1837, p. 172)

As sereias gostavam muito do local em que viviam, cada uma tinha uma parte diferente do jardim no qual gostavam de brincar, cultivando as flores e as colocando em formas de baleia e sereia, enquanto a mais nova imitava o sol enchendo de flores vermelhas, ela tinha o desejo de conhecer o mundo que havia fora do mar, como vemos na citação a seguir:

Nada era mais grato à princesa do que ouvir falar do mundo dos homens lá em cima; e a velha avó tivera de contar-lhe tudo o que sabia sobre os navios e as cidades, os homens e os animais, parecendo-lhe sobretudo digno de admiração que, lá em cima, na terra, as flores

tivessem aroma – o que não sucedia no fundo do mar –, que os bosques fossem verdes e que os peixes, movendo-se de ramo em ramo, possuíssem uma voz sonora e bela, sendo um prazer ouvi-los. Eram, claro está, os passarinhos, a que a avó chamava peixes, porque só assim podiam compreendê-la, pois jamais tinham visto uma ave. (ANDERSEN, 1837, p. 173)

A avó conta para ela que quando completar quinze anos, terá permissão para sair do mar e se sentar nos rochedos, ao luar, e ver passar os navios. Também lhe diz que ela terá a chance de ver os bosques e as cidades, o que a deixa bastante feliz, uma vez que ela realizaria o seu desejo, mas ela ainda teria que esperar cinco anos para subir e ver as coisas do nosso mundo. Tudo que conhecia sobre o mundo fora do mar era o que a irmãs mais velhas contavam.

Nenhuma manifestava, porém, tanta impaciência como a mais nova, justamente a que tinha de esperar mais tempo e se mostrava tão calma e pensativa. Passava muitas noites à janela a olhar para cima, através da água azul-escura, onde os peixes se moviam agitando as barbatanas e as caudas. À Lua e às estrelas conseguia vê-las, mais pálidas no seu brilho, mas também, vistas assim através da água, maiores do que aparecem aos nossos olhos. Se passava uma grande nuvem lá em cima, sabia que se tratava de uma baleia que nadava por cima dela ou de um navio com muitos homens a bordo, que não podiam pensar certamente que uma linda sereiazinha se encontrava lá no fundo, estendendo os alvos braços na direção da quilha do barco. (ANDERSEN, 1837, p. 173 - 174)

Com o passar do tempo, quando se tornavam adultas elas podiam subir a superfície sempre que quisessem, assim subiam as cinco em fila de mãos dadas, que ao verem os marinheiros começavam a cantar para convencê-los a não terem medo de descer as profundezas, eles ao ouvirem as belas vozes, mesmo sem entender, os navios terminavam afundando e chegando apenas ao fundo do mar os cadáveres.

Quando chegou finalmente o dia em que a sereiazinha pôde subir a superfície, as experiências que as outras irmãs contaram foram totalmente diferentes das dela:

– Adeus – disse depois, e começou a subir tão ligeira e diáfana qual bolha de ar, através da água do mar. O Sol acabara de pôr-se quando emergiu a cabeça da água, mas todas as nuvens brilhavam ainda com tons de rosa e ouro e no meio do céu róseo luzia a estrela da tarde com toda a sua cintilante beleza. (ANDERSEN, 1837, p. 177)

Ao chegar na superfície ela encontra um navio e ao olhar para dentro ver um grupo de homens bem vestidos porém o mais belo de todos era um jovem príncipe de grandes olhos negros. Todos pareciam comemorar e soltavam fogos que acabaram a assustar a sereiazinha. O encantamento foi tão grande que as horas se passavam e ela não conseguia tirar o olhos do príncipe. No entanto, uma grande tempestade naufragou o navio onde estavam todos, ela percebendo o perigo que eles passaram começou a se preocupar e a procurar o jovem príncipe, pois ela sabia que ele poderia só chegar ao fundo do mar sem vida. Como a seguir:

Não! Morrer, isso não! Começou a nadar entre as vigas e as pranchas que flutuavam, sem se lembrar de que podiam esmagá-la, mergulhou profundamente na água e voltou a subir por entre as altas ondas, alcançando por fim o príncipezinho, que já não tinha forças para se manter por mais tempo no mar tempestuoso. Estava exausto, os braços e as pernas entorpecidos, os belos olhos a cerrarem-se-lhe e teria sucumbido, sem dúvida, se a sereiazinha o não tivesse alcançado. Segurou-lhe então a cabeça, mantendo-a ao de cima da água e deixou-se levar ao sabor das ondas. (ANDERSEN, 1837, p. 179)

Ao passar a situação de perigo, e vê-lo desacordado ela o beijou na testa e o levou para a terra firme, o colocando na areia e erguendo sua cabeça para os raios do sol. Ao soar os sinos do edifício as donzelas saem para o pomar, e a sereiazinha se lança ao mar, e fica de longe olhando até uma das donzelas encontra-lo, assim ela desce triste ao palácio do pai.

Já no palácio as irmãs insistem para que ela conte a sua primeira experiência na superfície, mas ela não lhes diz nada. O tempo passava e todos os dias ao entardecer ela subia para tentar ver o príncipe, mas não o encontrava, e assim ela continuava triste. Até que um dia, após ela contar seu segredo, uma princesinha que também conhecia o jovem príncipe a levou para ver onde ficava o castelo dele, agora que sabia onde era o castelo, ela chegava cada vez mais para perto da terra, e ficava a observa-lo. E assim sua vontade pela vida dos homens começara a aumentar: "Cada vez gostava mais dos homens, cada vez gostava mais de estar próximo deles. O seu mundo parecia-lhe ser muito maior do que aquele em que ela vivia!" (ANDERSEN, 1837, p. 182)

A cada dia sua curiosidade pela vida dos homens aumentava e ela queria ser humana. Conversava sempre com sua avó, que dava todas as explicações possíveis, mas ela queria viver a vida deles, curtir a vida humana e depois a vida

celestial. Mas sua avó não gostava dessa ideia, mostrava que elas era muito mais felizes do que eles:

- Não existe, assim, nenhum meio de alcançar uma alma imortal? – Não – respondeu a avó –, só se um homem viesse a gostar tanto de ti que fosses para ele mais do que um pai ou uma mãe, que ele se prendesse de tal modo a ti, em pensamento e coração, que fosse pedir a um sacerdote para vos unir as mãos com a promessa de fidelidade neste mundo e por toda a eternidade. Então, a alma dele entraria no teu corpo e participarias, assim, da bem-aventurança humana. Dar-te-ia a alma, sem perder a sua própria. Mas isso nunca será possível! O que aqui, no mar, é tão bonito – a tua cauda de peixe –, é considerado lá em cima uma coisa feia; são incapazes de compreendê-la. São necessários dois suportes maciços, a que chamam pernas, para se ser bonito! (ANDERSEN, 1837, p. 183 - 184)

A tristeza da sereiazinha continuava, pois não parava de pensar no príncipe, até que tomou uma decisão: “Tudo hei de fazer para alcançar uma alma imortal! Enquanto as minhas irmãs dançam lá dentro, no Palácio, irei à bruxa do mar, de quem sempre tive tanto medo, mas que pode, talvez, aconselhar-me e auxiliar-me!” (ANDERSEN, 1837, p. 185). Mesmo com medo enfrentou todo o caminho, com serpentes aquáticas, e chegando lá, tamanho foi o espanto, pois a bruxa já sabia o que ela desejava, e mesmo a alertando que esse desejo só traria infelicidade para ela, disse que o faria. Porém ela teria que dar em troca sua bela voz, a mais bela do reino. A sereiazinha logo aceitou, pois nada desejava mais do que ter duas pernas, e virar humana. A bruxa alertou mais uma vez:

– Mas deves lembrar-te – continuou a bruxa – de que, quando tiveres recebido a forma humana, não poderás voltar a ser sereia! Jamais descerás até onde estão as tuas irmãs e o palácio de teu pai. Se não conseguires o amor do príncipe, de modo que, por ti, ele possa esquecer pai e mãe e tu sejas o seu único pensamento e um sacerdote venha unir as vossas mãos, também não alcançarás uma alma imortal! Na manhã seguinte a ter-se casado com outra, o teu coração quebrar-se-á e transformar-te-ás em espuma do mar. (ANDERSEN, 1837, p. 187)

E assim foi feito, a bruxa fez a porção e disse que quando ela subisse a superfície tomasse tudo. Em seguida cortou a língua, deixando totalmente muda, e a princesinha foi embora rapidamente, subiu à superfície. Chegando ao palácio do príncipe, sentou nos degraus e bebeu a porção, sentiu uma grande dor, como

uma se uma espada entrasse em seu corpo, desmaiou e foi encontrada por ele, desacordada. Ao abrir os olhos, lá estava ele, admirando-a e pensando:

(...) quem era e como viera ali parar, e ela, voltando para ele os olhos azul-escuros, lançou-lhe um olhar doce e ao mesmo tempo triste, pois não podia falar. Então, o príncipe tomou-a pela mão e conduziu-a para dentro do palácio. Cada passo que dava, como havia predito a bruxa, era como se pisasse finas agulhas e facas afiadas, mas nada deixou transparecer. Pela mão do jovem príncipe, subiu, leve como uma bolha de ar, e tanto ele como todos os circunstantes não puderam esconder a admiração pelo seu andar ondulante e gracioso. (ANDERSEN, 1837, p. 189)

O príncipe ficava a cada dia mais encantado com a sereiazinha, e pediu para que ela ficasse sempre ao seu lado. Ela sentia muitas dores nas pernas, mas nada importava, continuava a sorrir feliz para ele. À noite, quando todos dormiam ela corria para o mar e aliviava suas dores, lembrando dos seus, que viviam nas profundezas daquele lindo mar. Certa vez, avistou suas irmãs, que lhes contaram que todos ficaram tristes com sua partida, e a partir daí, a visita das irmãs eram frequentes, e um certo dia, ao longe, sua avó e seu pai a avistaram, mas não tiveram coragem de se aproximar da terra.

O afeto do príncipe só aumentava, porém ele não a via como esposa, mas como uma pessoa caridosa, de bom coração. E ela sabia disso:

– Não gostas de mim mais do que de todas as outras? – pareciam perguntar os olhos da sereiazinha quando o príncipe a tomava nos braços e lhe beijava a bela fronte. – Sim, quero-te mais do que a todas as outras – dizia ele –, pois tens melhor coração, és-me mais dedicada e pareces-te com uma jovem que vi e que certamente jamais virei a encontrar. Ia, então, num navio que naufragou, as ondas levaram-me para terra, junto a um santuário cujo culto era mantido por donzelas. A mais nova de todas descobriu-me na praia e salvou-me. Vi-a apenas duas vezes, mas era a única que podia amar neste mundo. Pareces-te com ela, quase ofuscas a sua imagem na minha alma. Além disso, consagrou-se inteiramente ao templo e por isso a minha boa sorte me conduziu para ti. Jamais nos separaremos. (ANDERSEN, 1837, p. 191)

O príncipe sabia da existência da sereiazinha, quem lhe salvara do naufrágio, e a ele entregou seu coração, mas não sabia que a jovem que estava ao seu lado era ela, pois ele sabia que a donzela que lhe salvou morava no palácio no fundo do mar e que nunca iria encontra-la novamente. Eis que chegava a hora de ele conhecer a noiva escolhida pelos pais, no reino vizinho.

Viajou em um navio levando a sereiazinha junto. Chegando ao reino, apareceu a moça linda e delicada, o príncipe logo se encantou com ela:

– Tu! Foste tu que me salvaste quando jazia como um cadáver dado à costa! – gritou o príncipe, abraçando a noiva ruborizada. – Oh! Como sou feliz! – disse à sereiazinha. – Cumpru-se o meu maior desejo. (ANDERSEN, 1837, p. 193)

E a sereiazinha, que queria o coração do príncipe, se despedaçava em tristeza, pois sabia que quando ele se cassasse, morreria virando espuma do mar. Pensou em sua morte e em tudo que deixou para trás. Passado o casamento, os noivos embarcaram ao regresso, vinham em festa, e ela com a dor em seu coração dançava, bailava lindamente, como nunca tinha feito antes, nem sentia suas pernas doerem, pois maior era a dor em seu coração: “Sabia que era a última noite em que via aquele por quem tinha abandonado família e lar, perdido a bela voz e sofrido todos os dias tormentos infintos, sem que ele fizesse a menor ideia.” (ANDERSEN, 1837, p. 194)

A sereiazinha, sabendo de sua morte ao nascer do sol, ficou a olhar o mar, até que apareceram as suas irmãs, pálidas e com os cabelos cortados, elas se encontraram com a bruxa e em troca de uma solução para a vida da sereiazinha, deixaram os cabelos com ela, receberam dela uma faca bem afiada, com ela a sereiazinha teria que acertar o coração do príncipe antes do nascer do sol, e quando o sangue dele lhe tocasse os pés, as pernas se transformariam em calda de peixe, fazendo-a voltar a ser sereia.

A sereiazinha afastou a cortina de púrpura da tenda e viu a bela noiva a dormir com a cabeça sobre o peito do príncipe. Curvou-se e beijou-o na testa, olhou para o céu para ver como a aurora se ia tornando mais luminosa, ficou-se por um momento a olhar a faca afiada e voltou a mirar o príncipe, que em sonhos murmurava o nome da noiva. Continuava a ser o seu único pensamento. A faca vacilou por um momento nas mãos da sereia... mas logo a arremessou para longe, no mar, tingindo-se as ondas de vermelho, como se gotas de sangue borbulhassem na água. Finalmente voltou a fixar os olhos turvados no príncipe e lançou-se ao mar, onde sentiu o corpo a desfazer-se em espuma. (ANDERSEN, 1837, p. 195)

Mas para a surpresa da sereiazinha ela sentiu que não se transformou em espuma, ela flutuava, virando Filha do Ar. Essas não tinham a vida imortal como

as sereias, mas poderiam consegui-la ao fazer boas ações, e conseguiam ainda mais rápido quando encontravam crianças boazinhas.

O conto nos mostra a mudança da sereiazinha para conseguir realizar o seu desejo de ser humana. Mesmo sendo contra todos os seus ideais e princípios, lutou contra sua família, tudo para viver o amor do príncipe, mas não conseguiu, pois o coração dele já estava tomado. As histórias do imaginário mostram uma aprendizagem e, com *A sereiazinha*, as crianças aprendem a manter sua identidade, a não desejarem ser outra pessoa, e nem ter o que outra pessoa tem. Ela sofre a grande decepção de deixar sua família e perder sua voz, bens preciosos que a caracterizam como sereia, para viver um grande amor, assumindo outra identidade. O que ela não sabia é que aquela que o príncipe amava era ela, a própria sereia, exatamente do jeito que era. Assim, ela sacrifica sua identidade de sereia e sua família em vão, pois sempre foi amada por ser a princesa sereia que era.

O conto, a exemplo dos clássicos, leva as crianças a refletirem que elas não precisam se modificar para serem aceitas, mas devem ser compreensivas e amar sua família, amar quem elas são. Compreendendo sua importância no mundo, elas poderão tomar boas decisões e valorizar o que elas são e as pessoas que delas gostam, entendendo seu papel social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura infantil juvenil é muito importante, desde os séculos passados até os atuais, pois as crianças e os jovens têm a oportunidade de crescer e aprender um mundo novo, através de histórias do imaginário. Com nossa pesquisa, compreendemos que é importante selecionar os livros adequados a cada faixa etária, mantendo a fantasia e a imaginação, e levando o leitor à construção de sentidos, sendo um sujeito crítico e questionador.

Ao começar a leitura desde pequena, o reflexo das aprendizagens na vida da criança será muito construtivo e a literatura fará parte contínua de sua vida. Vimos que a leitura dos contos de fadas é importante nessas aprendizagens e que também podem contribuir para o desenvolvimento social da criança.

Concluimos que o nosso objetivo nesse trabalho foi alcançado por mostrar, através do conto A sereiazinha, de Hans Christian Andersen, o valor da identidade e a importância de preservá-la. Assim como a sereiazinha, o desejo de mudança nas crianças e jovens é bastante comum e o conto pode auxiliá-los a reconhecer que são importantes como são. Se colocarmos a criança como protagonista dessa história, ela nos mostra que não se pode antecipar as coisas, que devemos deixar as crianças viverem cada fase e aprendizado, e assim irem construindo a própria identidade.

REFERÊNCIAS

ANDERSEN, Hans Christian. A Pequena Sereia. In: **Contos de fadas de Perrault, Grimm, Andersen e outros**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

ANDERSEN, Hans Christian. **A sereiazinha**. Porto: DgLab, 1837.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. São Paulo: Paulinas, 2012.

COLOMER, Teresa. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual**. São Paulo: Global, 2017.

CUNHA, Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. São Paulo: Ática, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira: histórias e histórias**. São Paulo: Ática, 2007.

ZILBERMAN, Regina. **Como e por que ler a literatura infantil brasileira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.